

# Onilé, a primeira divindade da Terra

**Reginaldo Prandi**

Os antigos povos que deram origem aos atuais iorubás ou nagôs, de cujas tradições se moldou o candomblé no Brasil, cultuavam uma entidade da Terra, a Terra-Mãe, que recebeu muitas denominações em diferentes aldeias e cidades que formam o complexo cultural iorubá e seus entornos principais, entre os quais os jejes mahis e daomeanos e os tapas ou nupes e os ibos. Esta antiga divindade é até hoje cultuada e recebe o nome de Onilé, a Dona da Terra, a Senhora do planeta em que vivemos. Outros nomes da Terra-Mãe são: Aiê, Ilé, Ialé, também Ije, Ale, Ala, Aná, Ogerê, e mesmo Buku e Buruku. Entre os jejes do Maranhão e da Bahia é chamada Aisã.

Creio que grande parte dos seguidores do candomblé nunca ouviu falar ou teve apenas vagas referências sobre Onilé, mas em certos candomblés de nação queto, que preservam ou reconstituem tradições que em grande parte se perderam na diáspora iorubana, pratica-se um culto discreto mas significativo à Terra-Mãe, para a qual se canta, ou no início do xirê ou no final da chamada roda de Xangô, a cantiga que diz "Mojubá, orixá/ ibá, orixá/ ibá Onilé", que pode ser traduzido como "Eu saúdo o orixá/ Saúdo Onilé/ Salve a Senhora da Terra".

Onilé é uma divindade feminina relacionada aos aspectos essenciais da natureza, e originalmente exercia seu patronato sobre tudo que se relaciona à apropriação da natureza pelo homem, o que inclui a agricultura, a caça e a pesca e a própria fertilidade. Com as transformações da sociedade iorubá numa sociedade patriarcal ou patrilinear, que implicou a constituição de linhagens e clãs familiares fundados e chefiados por antepassados masculinos, as mulheres perderam o antigo poder que tiveram numa primeira etapa (um mito relata que, numa disputa entre Oiá e Ogum, os homens teriam arrebatado o poder que era antes de domínio das mulheres).

Os antepassados divinizados tomaram o lugar das divindades primordiais e houve uma redivisão de trabalho entre os orixás. As divindades femininas antigas tiveram então seu culto reorganizado em torno de entidades femininas genéricas, as Iá-Mi-Oxorongá, consideradas bruxas maléficas pelo fato de representarem sempre um perigo para o poderio masculino, e vários orixás tiveram dividido entre si as atribuições de zelar pela Terra, agora dividida em diferentes governos: o subsolo ficou para Omulu-Obaluaê e para Ogum, o solo para orixá-Ocô e Ogum, a vegetação e a caça para os Odés e Ossaim e assim por diante. A fertilidade das mulheres foi o atributo que restou às divindades femininas, já que é a mulher que pári, que reproduz e dá continuidade à vida. Constituiriam-se elas então em orixás dos rios, representando a própria água, que fertiliza a terra e permite a vida: são as aiabás Iemanjá, Oxum, Obá, Oiá, Euá e outras e também Nanã, que como antiga divindade da terra, representa a lama do fundo do rio, simbolizando a fertilização da terra pela água.

Onilé teve seu culto preservado na África, mas perdendo muitas das antigas atribuições. Hoje ela representa nossa ligação elemental com o planeta em que vivemos, nossa origem primal. É a base de sustentação da vida, é o nosso mundo material. Embora sua importância seja crucial do ponto de vista da concepção religiosa de universo, os devotos a ela pouco recorrem, pois seu culto não trata de aspectos particulares do mundo e da vida cotidiana, preferindo cada um dirigir-se aos orixás que cuidam desses aspectos específicos. No Brasil, como aconteceu com outros orixás, seu culto quase desapareceu. Certamente um fator que contribuiu para o esquecimento de Onilé no Brasil é o fato de que este orixá não se manifesta através do transe ritual, não incorpora, não dança. Outros orixás importantes na África e que também não se manifestam no corpo de iniciados foram igualmente menos considerado neste País que, por influência do kardecismo, atribui um valor muito especial ao transe. Foi o que aconteceu com Orunmilá, Odudua, Orixá-Ocô, Ajalá, além da Iá-Mi-

Oxorongá. É interessante lembrar que o culto de Ossaim sofreu no Brasil grande mudança, passando o orixá das folhas a se manifestar no transe, o que o livrou certamente do esquecimento. O culto da árvore Iroco também se preservou entre nós, ainda que raramente, quando ganhou filhos e se manifestou em transe, sorte que não teve Apaocá.

Na Nigéria mantém-se viva a idéia de que Onilé é a base de toda a vida, tanto que, quando se faz um juramento, jura-se por Onilé. Nessas ocasiões, é ainda costume pôr na boca alguns grãos de terra, às vezes dissolvida na água que se bebe para celar a jura, para lembrar que tudo começa com Onilé, a Terra-Mãe, tanto na vida como na morte.

Um mito que já tive o prazer de contar em outras ocasiões ensina qual é a atribuição principal de Onilé, como ela está associada ao chão que pisamos e sobre o qual vivemos nós e todos os seres vivos que formam o nosso habitat, nosso mundo material. Assim conta o mito:

*Onilé era a filha mais recatada e discreta de Olodumare.  
Vivia trancada em casa do pai e quase ninguém a via.  
Quase nem se sabia de sua existência.  
Quando os orixás seus irmãos se reuniam no palácio do grande pai  
para as grandes audiências em que Olodumare comunicava suas decisões,  
Onilé fazia um buraco no chão e se escondia,  
pois sabia que as reuniões sempre terminavam em festa,  
com muita música e dança ao ritmo dos atabaques.  
Onilé não se sentia bem no meio dos outros.*

*Um dia o grande deus mandou os seus arautos avisarem:  
haveria uma grande reunião no palácio  
e os orixás deviam comparecer ricamente vestidos,  
pois ele iria distribuir entre os filhos as riquezas do mundo  
e depois haveria muita comida, música e dança.  
Por todo os lugares os mensageiros gritaram esta ordem  
e todos se prepararam com esmero para o grande acontecimento.*

*Quando chegou por fim o grande dia,  
cada orixá dirigiu-se ao palácio na maior ostentação,  
cada um mais belamente vestido que o outro,  
pois este era o desejo de Olodumare.  
Iemanjá chegou vestida com a espuma do mar,  
os braços ornados de pulseiras de algas marinhas,  
a cabeça cingida por um diadema de corais e pérolas,  
o pescoço emoldurado por uma cascata de madreperola.  
Oxóssi escolheu uma túnica de ramos macios,  
enfeitada de peles e plumas dos mais exóticos animais.  
Ossaim vestiu-se com um manto de folhas perfumadas.  
Ogum preferiu uma couraça de aço brilhante,  
enfeitada com tenras folhas de palmeira.  
Oxum escolheu cobrir-se de ouro,  
trazendo nos cabelos as águas verdes dos rios.  
As roupas de Oxumarê mostravam todas as cores,  
trazendo nas mãos os pingos frescos da chuva.  
Iansã escolheu para vestir-se um sibilante vento*

*e adornou os cabelos com raios que colheu da tempestade.  
 Xangô não fez por menos e cobriu-se com o trovão.  
 Oxalá trazia o corpo envolto em fibras alvíssimas de algodão  
 e a testa ostentando uma nobre pena vermelha de papagaio.  
 E assim por diante.  
 Não houve quem não usasse toda a criatividade  
 para apresentar-se ao grande pai com a roupa mais bonita.  
 Nunca se vira antes tanta ostentação, tanta beleza, tanto luxo.  
 Cada orixá que chegava ao palácio de Olodumare  
 provocava um clamor de admiração,  
 que se ouvia por todas as terras existentes.  
 Os orixás encantaram o mundo com suas vestes.  
 Menos Onilé.  
 Onilé não se preocupou em vestir-se bem.  
 Onilé não se interessou por nada.  
 Onilé não se mostrou para ninguém.  
 Onilé recolheu-se a uma funda cova que cavou no chão.*

*Quando todos os orixás haviam chegado,  
 Olodumare mandou que fossem acomodados confortavelmente,  
 sentados em esteiras dispostas ao redor do trono.  
 Ele disse então à assembléia que todos eram bem-vindos.  
 Que todos os filhos haviam cumprido seu desejo  
 e que estavam tão bonitos que ele não saberia  
 escolher entre eles qual seria o mais vistoso e belo.  
 Tinha todas as riquezas do mundo para dar a eles,  
 mas nem sabia como começar a distribuição.  
 Então disse Olodumare que os próprios filhos,  
 ao escolherem o que achavam o melhor da natureza,  
 para com aquela riqueza se apresentar perante o pai,  
 eles mesmos já tinham feito a divisão do mundo.  
 Então Iemanjá ficava com o mar,  
 Oxum com o ouro e os rios.  
 A Oxóssi deu as matas e todos os seus bichos,  
 reservando as folhas para Ossaim.  
 Deu a Iansã o raio e a Xangô o trovão.  
 Fez Oxalá dono de tudo que é branco e puro,  
 de tudo que é o princípio, deu-lhe a criação.  
 Destinou a Oxumarê o arco-íris e a chuva.  
 A Ogum deu o ferro e tudo o que se faz com ele,  
 inclusive a guerra.  
 E assim por diante.  
 Deu a cada orixá um pedaço do mundo,  
 uma parte da natureza, um governo particular.  
 Dividiu de acordo com o gosto de cada um.  
 E disse que a partir de então cada um seria o dono  
 e governador daquela parte da natureza.  
 Assim, sempre que um humano tivesse alguma necessidade  
 relacionada com uma daquelas partes da natureza,*

deveria pagar uma prenda ao orixá que a possuísse.  
 Pagaria em oferendas de comida, bebida ou outra coisa  
 que fosse da predileção do orixá.  
 Os orixás, que tudo ouviram em silêncio,  
 começaram a gritar e a dançar de alegria,  
 fazendo um grande alarido na corte.  
 Olodumare pediu silêncio,  
 ainda não havia terminado.  
 Disse que faltava ainda a mais importante das atribuições.  
 Que era preciso dar a um dos filhos o governo da Terra,  
 o mundo no qual os humanos viviam  
 e onde produziam as comidas, bebidas e tudo o mais  
 que deveriam ofertar aos orixás.  
 Disse que dava a Terra a quem se vestia da própria Terra.  
 Quem seria? perguntavam-se todos?  
 "Onilé", respondeu Olodumare.  
 "Onilé?" todos se espantaram.  
 Como, se ela nem sequer viera à grande reunião?  
 Nenhum dos presentes a vira até então.  
 Nenhum sequer notara sua ausência.  
 "Pois Onilé está entre nós", disse Olodumare  
 e mandou que todos olhassem no fundo da cova,  
 onde se abrigava, vestida de terra, a discreta e recatada filha.  
 Ali estava Onilé, em sua roupa de terra.  
 Onilé, a que também foi chamada de Ilê, a casa, o planeta.  
 Olodumare disse que cada um que habitava a Terra  
 pagasse tributo a Onilé,  
 pois ela era a mãe de todos, o abrigo, a casa.  
 A humanidade não sobreviveria sem Onilé.  
 Afinal, onde ficava cada uma das riquezas  
 que Olodumare partilhara com filhos orixás?  
 "Tudo está na Terra", disse Olodumare.  
 "O mar e os rios, o ferro e o ouro,  
 Os animais e as plantas, tudo", continuou.  
 "Até mesmo o ar e o vento, a chuva e o arco-íris,  
 tudo existe porque a Terra existe,  
 assim como as coisas criadas para controlar os homens  
 e os outros seres vivos que habitam o planeta,  
 como a vida, a saúde, a doença e mesmo a morte".  
 Pois então, que cada um pagasse tributo a Onilé,  
 foi a sentença final de Olodumare.  
 Onilé, orixá da Terra, receberia mais presentes que os outros,  
 pois deveria ter oferendas dos vivos e dos mortos,  
 pois na Terra também repousam os corpos dos que já não vivem.  
 Onilé, também chamada Aiê, a Terra, deveria ser propiciada sempre,  
 para que o mundo dos humanos nunca fosse destruído.  
 Todos os presentes aplaudiram as palavras de Olodumare.  
 Todos os orixás aclamaram Onilé.  
 Todos os humanos propiciaram a mãe Terra.

*E então Olodumare retirou-se do mundo para sempre  
e deixou o governo de tudo por conta de seus filhos orixás<sup>1</sup>.*

E assim este mito, de modo didático e com muita beleza, situa o papel de Onilé no panteão dos deuses iorubás. Como é estrutural nos mitos, o tempo da narrativa não é histórico, dando a impressão que os cultos dos diferentes orixás foram instituídos a um só tempo, num só ato do supremo deus. A narrativa enfatiza, contudo, a concepção básica da religião dos orixás, isto é, que cada orixá é uma aspecto da natureza, uma dimensão particular do mundo em que vivemos. Eles são o próprio mundo, com suas forças, elementos, energias e propriedades, mundo que tem por base Onilé, a Terra, o planeta que habitamos, o nosso lar no universo.



Mito de Onilé. Pedro Rafael, 1999.

Na África iorubá, Onilé ocupa lugar central no culto da sociedade masculina secreta Ogboni. A escultura em bronze aqui mostrada, provavelmente do século XVIII, é originária dessa sociedade tem os olhos em semicírculos, que tudo observam em silêncio, e as mãos fechadas e alinhadas, uma sobre a outra, na altura do umbigo, num gesto que simboliza o conhecimento ancestral, conforme os símbolos Ogboni, sociedade que, até o século XIX, cuidava da justiça, julgava criminosos e feiticeiros e executava os condenados à morte.

<sup>1</sup> Narrado pelo oluô Agenor Miranda Rocha, em pesquisa de campo no Rio de Janeiro, em 1999. Fragmentos em Wande Abimbola, *Ifá Divination Poetry*. Nova York, Londres e Ibadan, Nok Publishers, 1977, pp. 111; idem, *Ifá Will Mend our Broken World: Thoughts on Yoruba Religion and Culture in Africa and the Diaspora*. Roxbury, Massachusetts, Aim Books, pp. 67-68. A versão aqui presente encontra-se em Reginaldo Prandi, *Mitologia dos orixás*. São Paulo, Companhia das Letras, no prelo.

Louvar Onilé é celebrar as origens. Por isso, quando aparecem junto aos humanos, os antepassados *egunguns* saúdam Onilé, lembrando-nos que ela é anterior a tudo o mais, mesmo às linhagens mais antigas da humanidade.



Onilé, escultura em bronze, provavelmente século XVIII. Museu Nacional de Lagos, Nigéria. Foto em Ekpo Eyo e Frank Willett, *Treasures of Ancient Nigeria*. New York, Alfred A. Knopf, 1989, p. 155.

Onilé é assentada num montículo de terra vermelha, que representa o coração da Terra, podendo também ser montado com terra de cupinzeiro, que é trazida de dentro do solo pelos insetos trabalhadores, e que é vermelha. Dentro do montículo fixa-se uma quartinha com água, pois não há vida na terra desprovida de água. A quartinha dentro da terra simboliza que a água vem de dentro da Terra e que é assim a primeira dádiva de Onilé. A água que jorra do solo forma os regatos, rios, lagos e o próprio mar, de onde sobe para as nuvens e se precipita em chuva, voltando ao solo e subsolo, num ciclo permanente de propiciação da vida. O assentamento é coberto com moedas ou búzios, que entre os antigos iorubanos era dinheiro, representando toda a riqueza e prosperidade que está na Terra, que dela extraímos e na qual vivemos. Vermelho e marrom, cores da terra, são as cores apropriadas para colares de contas que homenageiam Onilé.

Na África, os sacrifícios feitos a Onilé incluem caracóis, aves fêmeas e tartarugas (Abimbola, 1977: 111). No Brasil a legislação pune como crime inafiançável o sacrifício de animais ameaçados de extinção e assim a tartaruga é substituída pela cabra. Aliás, matar um animal em extinção seria uma ofensa imperdoável a Onilé, que é a própria natureza, a grande mãe da ecologia.

Além desses animais, dá-se para Onilé tudo o que a terra produz e que o homem transforma: obis, orobôs e todas as demais frutas, inhame e outros tubérculos, feijões, milho, favas, mel, dendê, sal, vinho e tudo mais que vem da terra pela mão do homem.



Assentamento de Onilé em terreiro do Rio de Janeiro, anos 70. Robert Farris Thompson, *Faces of the Gods: Altars of Africa and the African Americas*. New York, The Museum for African Arts of New York, 1993, p. 202.

Cultuada discretamente em terreiros antigos da Bahia e em candomblés africanizados, a Mãe Terra tem despertado recentemente curiosidade e interesse entre os seguidores dos orixás, sobretudo entre aqueles que compõem os seguimentos mais intelectualizados da religião.

Onilé, isto é, a Terra, tem muitos inimigos que a exploram e podem destruí-la. Para muitos seguidores da religião dos orixás, interessados em recuperar a relação orixá-natureza, o culto de Onilé representaria, assim, a preocupação com a preservação da própria humanidade e de tudo que há em seu mundo. Pois é Onilé quem guarda o planeta e tudo que há sobre ele, protegendo o mundo em que vivemos e possibilitando a própria vida de tudo que vive sobre a Terra, as plantas, os bichos e a humanidade.

### Referências bibliográficas

- ABIMBOLA, Wande. *Ifá Divination Poetry*. Nova York, Londres e Ibadan, Nok Publishers, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Ifá Will Mend our Broken World: Thoughts on Yoruba Religion and Culture in Africa and the Diaspora*. Roxbury, Massachusetts, Aim Books, 1997.
- EYO, Ekpo e Frank Willett. *Treasures of Ancient Nigeria*. New York, Alfred A. Knopf, 1989.
- LÉPINE, Claude. As metamorfoses de Sakpatá, deus da varíola. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). *Leopardo dos olhos de fogo*. São Paulo, Ateliê Editorial, 1998.
- PRANDI, Reginaldo Prandi. *Mitologia dos orixás*. São Paulo, Companhia das Letras, no prelo.
- THOMPSON, Robert Farris Thompson. *Faces of the Gods: Altars of Africa and the African Americas*. New York, The Museum for African Arts of New York, 1993.